



Por que uma pedra foi usada como auxílio na tradução do Livro de Mórmon?

"E disse o Senhor: Prepararei para meu servo Gazelém uma pedra que brilhará na escuridão como luz"

Alma 37:23

O conhecimento

As palavras de Alma a seu filho Helamã, conforme registradas em Alma 37, contêm a referência um tanto intrigante a Gazelém,¹ aparentemente um servo não especificado que deveria realizar uma obra especial para Deus. Alma profetizou: "E disse o Senhor: Prepararei para meu servo Gazelém uma pedra que brilhará na escuridão como luz, para

mostrar ao meu povo que me serve, para mostrar a eles as obras de seus irmãos; sim, suas obras secretas, suas obras de trevas e suas iniquidades e abominações" (Alma 37:23). Como esta é a única referência a Gazelém no Livro de Mórmon, os leitores não sabem de quem ou do que esta passagem está falando. Joseph Fielding McConkie e Robert L.

Millet perguntaram: "Gazelém é a pedra de vidente ou o servo? É difícil dizer a partir da passagem e depende muito da colocação de uma vírgula na frase. Talvez você possa se referir a ambos [...] Embora este nome ou título de Gazelém possa ser usado com relação a qualquer vidente que use pedras de vidente, neste caso parece ser uma referência direta ao Profeta Joseph Smith".² Embora Gazelém seja talvez o nome do indivíduo que usa a pedra preparada por Deus, a questão está longe de ser resolvida. Royal Skousen traçou as interpretações mórmons dessa passagem até a vida do próprio Joseph Smith, onde tanto o profeta quanto a pedra foram identificados como Gazelém.³



Joseph Smith se encaixaria facilmente na identidade de Gazelém. Como vários historiadores e estudiosos argumentaram, Joseph usou os intérpretes nefitas (mais tarde chamados de "Urim e Tumim"), que foram descobertos com as placas e sua pedra de vidente individual, na tradução do Livro de Mórmon.⁴ Até mesmo algumas autoridades gerais escreveram sobre esse tópico,⁵ e trabalhos futuros que certamente iluminarão esse tópico estão por vir.⁶

Infelizmente, as fontes históricas sobre o uso desses instrumentos por Joseph durante a tradução às vezes são contraditórias ou ambíguas. Por exemplo, até mesmo testemunhas oculares na tradução do Livro de Mórmon às vezes confundiam a terminologia em suas descrições do evento. "Esses dois instrumentos (os intérpretes e a pedra de vidente) eram aparentemente intercambiáveis e funcionavam praticamente da mesma maneira, então, com o tempo, Joseph Smith e seus companheiros usavam frequentemente o termo 'Urim e Tumim' para se referir tanto à pedra de vidente quanto aos intérpretes".⁷ Apesar dessas ambiguidades, fica claro que Joseph usou instrumentos sagrados — neste caso, as pedras de vidente que encontrou ou os intérpretes que Morôni lhe deu — que haviam sido preparados pelo Senhor com o propósito de traduzir o Livro de Mórmon. Restam dúvidas sobre como Joseph usou esses instrumentos, como, por exemplo, quando exatamente ele usou quais dispositivos durante o processo de tradução. No entanto, é indiscutível que o Profeta, de fato, usou instrumentos divinamente preparados como meio de se inspirar na tradução do Livro de Mórmon e em algumas das primeiras revelações (por exemplo, D&C 3, 6, 7, 11, 14, 17).

O porquê

Muitas pessoas passaram a descartar completamente a existência de milagres ou forças sobrenaturais. Alegações que não podem ser explicadas científica ou racionalmente são frequentemente tratadas como mera superstição, especialmente no Ocidente secular. Portanto, é compreensível que muitos tenham dificuldade em aceitar que o Senhor preparou pedras aparentemente "mágicas" ou maravilhosas para Joseph Smith usar na tradução do Livro de Mórmon.

O uso dessas pedras por Joseph Smith deve ser colocado em seu contexto histórico e teológico. A prática de usar pedras ou vidro como meio de receber revelação divina é uma prática documentada em muitas culturas modernas e antigas, inclusive entre os antigos israelitas e os antigos (e modernos) maias.⁸ Nos dias de Joseph Smith, a chamada "magia popular" era praticada em áreas rurais dos Estados Unidos. Isso incluía usar pedras, varas e outros instrumentos para se comunicar com espíritos, encontrar tesouros escondidos, protegidos por guardiões sobrenaturais, procurar objetos perdidos

ou até mesmo descobrir fontes de água.⁹ A família Smith participou dessa cultura, e o próprio Joseph tinha a reputação de ser um vidente do povo antes mesmo de receber e traduzir as placas.¹⁰



Copyright © 2014 Anthony Sweat

dos último dias, permite que o Senhor se comunique com Seus filhos por meio de métodos culturalmente integrados (2 Néfi 31:3, Gênesis 44:5, D&C 1:14).¹⁵ Além disso, o próprio Livro de Mórmon fala especificamente do Senhor preparando "meios" (instrumentos físicos) por meio dos quais Ele canalizará Seu poder, incluindo pedras sagradas que auxiliarão os videntes a traduzir registros antigos pelo dom e poder de Deus (Mosias 8).¹⁶ Em última análise, nunca entenderemos completamente a natureza ou o processo da tradução do Livro de Mórmon, incluindo por que o Senhor preparou pedras sagradas para Joseph, o vidente, usar. No entanto, permanece o fato de que Joseph testemunhou de forma consistente e repetida, e muitas testemunhas próximas ao processo confirmaram, que ele traduziu as placas pelo dom e poder de Deus, e não por meio de qualquer tipo de truque ou conjuração. Uma compreensão sólida da história por trás da tradução do Livro de Mórmon pode responder a algumas perguntas ou, de alguma outra forma, promover a fé em alguns aspectos.¹⁷ No entanto, um testemunho espiritual do chamado de Joseph Smith como vidente, incluindo um testemunho ardente da natureza divina do Livro de Mórmon, vem apenas de Deus, por meio do poder do Espírito Santo.

Leitura Complementar

Richard E. Turley Jr., Robin S. Jensen, e Mark Ashurst-McGee, "Joseph the Seer", *Ensign*, October 2015, pp. 49–54. Michael Hubbard MacKay e Gerrit J. Dirkmaat, *From Darkness Unto Light: Joseph Smith's Translation and Publication of the Book of Mormon* (Provo, UT e Salt Lake City, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, e Deseret Book, 2015). Roger Nicholson, "The Spectacles, the Stone, the Hat, and the Book: A Twenty-first Century Believer's View of the Book of Mormon Translation", *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 5 (2013): pp. 121–190.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Para uma possível etimologia, ver "Gazelém", Book of Mormon Onomasticon, ed. Paul Y. Hoskisson.
2. Joseph Fielding McConkie e Robert L. Millet, Doctrinal Commentary on the Book of Mormon, 4 v. (Salt Lake City, UT: Bookcraft, 1987–1992), 3: p. 278; compare com Matthew Roper, "Teraphim and the Urim and Tumim", Insights: A Window on the Ancient World 20, no. 9 (September 2000): p. 2; Ray Lynn Huntington, "Gazelém", em Book of Mormon Reference Companion, ed. Dennis L. Largey (Salt Lake City, UT: Deseret Book 2003), p. 284; Brant Gardner, Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon, 6 v. (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), 4: pp. 512–513.
3. Royal Skousen, Analysis of Textual Variants of the Book of Mormon: Part Four, Alma 21–55 (Provo, UT: FARMS, 2007), pp. 2361–2363.
4. Richard Lloyd Anderson, "'By the Gift and Power of God'", Ensign, setembro de 1977, pp. 78–85; Richard Van Wagoner e Steve Walker, "Joseph Smith: 'The Gift of Seeing'", Dialogue: A Journal of Mormon Thought 15, no. 2 (Summer 1982): pp. 49–68; Stephen D. Ricks, "Notes and Communications—Translation of the Book of Mormon: Interpreting the Evidence", Journal of Book of Mormon Studies 2, no. 2 (1993): pp. 201–206; Royal Skousen, "Translating the Book of Mormon: Evidence from the Original Manuscript", em Book of Mormon Authorship Revisited: The Evidence for Ancient Origins, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: FARMS, 1997), pp. 61–93; Matthew B. Brown, Plates of Gold: The Book of Mormon Comes Forth (American Fork, UT: Covenant Communications, 2003); John W. Welch, "The Miraculous Translation of the Book of Mormon", em Opening the Heavens: Accounts of Divine Manifestation, 1820–1844 (Provo and Salt Lake City, UT: BYU Press and Deseret Book, 2005), pp. 77–213; Don Bradley, "Written by the Finger of God? Claims and Controversies of Book of Mormon Translation", Sunstone, December 2010, pp. 20–29; Brant A. Gardner, The Gift and Power: Translating the Book of Mormon (Salt Lake City, UT: Greg Kofford, 2011); Roger Nicholson, "The Spectacles, the Stone, the Hat, and the Book: A Twenty-first Century Believer's View of the Book of Mormon Translation", Interpreter: A Journal of Mormon Scripture 5 (2013): pp. 121–190; Michael Hubbard MacKay and Gerrit J. Dirkmaat, "Firsthand Witness Accounts of the Translation Process", em The Coming Forth of the Book of Mormon: A Marvelous Work and a Wonder, ed. Dennis L. Largey et al. (Provo, UT e Salt Lake City, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, e Deseret Book, 2015), pp. 61–79; From Darkness Unto Light: Joseph Smith's Translation and Publication of the Book of Mormon (Provo, UT e Salt Lake City, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, e Deseret Book, 2015); Stanford Carmack, "Joseph Smith Read the Words", Interpreter: A Journal of Mormon Scripture 18 (2016): pp. 41–64.
5. B. H. Roberts, "Book of Mormon Translation", Improvement Era, July 1906, pp. 706–713; Russell M. Nelson, "A Treasured Testament", Ensign, July 1993, pp. 61–63; Neal A. Maxwell, "'By the Gift and Power of God'", Ensign, January 1997, pp. 36–41; Steven E. Snow, "Joseph Smith in Harmony", Ensign, September 2015, pp. 51–57.
6. Michael Hubbard MacKay e Nicholas J. Frederick, Joseph Smith's Seer Stones (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e the Religious Studies Center, Brigham Young University, 2016).
7. "The Book of Mormon Translation", disponível online em: lds.org.
8. Cornelis Van Dam, The Urim and Tumim: A Means of Revelation in Ancient Israel (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1997); Marc G. Blainey, "Techniques of Luminosity: Iron-Ore Mirrors and Entheogenic Shamanism among the Ancient Maya", em Manufactured Light: Mirrors in the Mesoamerican Realm, ed. Emiliano Gallaga M. e Marc G. Blainey (Boulder, CO: University Press of Colorado, 2016), pp. 179–206; John J. McGraw, "Stones of Light: The Use of Crystals in Maya Divination", em Manufactured Light, pp. 207–227; Olivia Kindl, "The Ritual Uses of Mirrors by Wixaritari (Huichol Indians)", em Manufactured Light, pp. 255–283; Karl Taube, "Through a Glass, Brightly: Recent Investigations Concerning Mirrors and Scrying in Ancient and Contemporary Mesoamerica", em Manufactured Light, pp. 285–314; John A. Tvedtnes, "Glowing Stones in Ancient and Medieval Lore", Journal of Book of Mormon Studies 6, no. 2 (1997): pp. 99–123; Gardner, Second Witness, 4: p. 511; Mark Alan Wright, "Nephite Daykeepers: Ritual Specialists in Mesoamerica and the Book of Mormon", Ancient Temple Worship: Proceedings of the Expound Symposium, 14 May 2011 (Orem and Salt Lake City, UT: The Interpreter Foundation e Eborn Books, 2014), pp. 244–246.
9. A radiestesia, ou o uso de uma vara para localizar água, óleo, sepulturas, minerais ou pedras, ainda é praticada em algumas culturas hoje.
10. Mark Ashurst-McGee, "A Pathway to Prophethood: Joseph Smith Junior as Rodsman, Village Seer, and Juedo-Christian Prophet" (Master's Thesis, Utah State University, 2000); Gardner, The Gift and Power, pp. 3–134.
11. Ver, por exemplo,Êxodo 7:9-12; 25:10-22; 29:4-7; Números 21:4-9; 2 Reis 5:1-19; 6:1-7; João 9:1-7; Atos 19:11-12. Para uma discussão, ver Helen R. Jacobus et al., ed., Studies on Magic and Divination in the Biblical World (Piscataway, NJ: Gorgias, 2013); Richard A. Horsley, Jesus and Magic: Freeing the Gospel Stories from Modern Misconceptions (Eugene, OR: Cascade, 2014).
12. Ver Levítico 16:8; Números 26:55; 33:54; 34:13; Josué 13:6; 14:1-2; Juízes 20:9; 1 Samuel 10:20-21; 14:40-42; 1 Crônicas 24:5, 31; 25:8; 26:13-14; Atos 1:26.
13. Os principais historiadores que avançaram nesta tese são D. Michael Quinn, Early Mormonism and the Magic World View, 2ª edição (Salt Lake City, UT: Signature Books, 1998); John L. Brooke, The Refiner's Fire: The Making of Mormon Cosmology, 1644–1844 (Cambridge: Cambridge University Press, 1994). Para revisões extensivas de Quinn e Brooke, ver John Gee, "'An Obstacle to Deeper Understanding'", FARMS Review of Books 12, no. 2 (2000): pp. 185–224; William J. Hamblin, "That Old Black Magic", FARMS Review of Books 12, no. 2 (2000): pp. 225–393; William J. Hamblin, Daniel C. Peterson e George L. Mitton, "Mormon in the Fiery Furnace: Or, Loftes Tryk Goes to Cambridge", Review of Books on the Book of Mormon 6, no. 2 (1994): pp. 3–58.
14. Kerry Muhlestein, "Seeking Divine Interaction: Joseph Smith's Varying Searches for the Supernatural", em No Weapon Shall Prosper: New Light on Sensitive Issues, ed. Robert L. Millet (Provo, UT e Salt Lake City, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2011), pp. 77–91; Samuel M. Brown, "The Reluctant Metaphysicians", Mormon Studies Review 1 (2014): pp. 115–131; Richard Lyman Bushman, "Joseph Smith and Money Digging", em A Reason for Faith: Navigating LDS Doctrine and Church History, ed. Laura Harris Hales (Provo, UT e Salt Lake City, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, and Deseret Book, 2016), pp. 1–6; Eric A. Eliason, "Seer Stones, Salamanders, and Early Mormon 'Folk Magic' in the Light of Folklore Studies and Bible Scholarship", BYU Studies Quarterly 55, no. 1 (2016): pp. 73–93.

15. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que o anjo falou a Alma 'com voz de trovão'? (Mosias 27:11)", KnoWhy 105 (10 de maio de 2017).

16. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que um vidente é maior do que um profeta? (Mosias 8:15)", KnoWhy 86 (18 de abril, 2017).

17. Por exemplo, várias testemunhas oculares disseram que Joseph traduziu colocando a pedra de vidente no fundo de um chapéu e depois enfiando o rosto no chapéu para bloquear a luz ao seu redor. De lá, ele veria as palavras aparecerem na pedra e, em seguida, ditaria essas palavras ao seu escriba. Se essa fosse de fato a maneira de Joseph traduzir uma quantidade substancial do Livro de Mórmon, como a evidência histórica sugere, então teria sido impossível para ele copiar de uma Bíblia próxima ou de um manuscrito roubado enquanto ditava. Para pensamentos nesse sentido, ver Daniel C. Peterson, "Editor's Introduction: Not So Easily Dismissed: Some Facts for Which Counterexplanations of the Book of Mormon Will Need to Account", FARMS Review 17, no. 2 (2005): xi–xxiv.